

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



MANA

IMORTAL

Directão literária de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTÁVIO SÉRGIO

OCTAVIO
S.E.R.G.I.O.



As carecas do Pôrto



OCTAVIO
SERGIO

Propriedade da Empresa do Magazine "Civilização" L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

PLANO GERAL

GRANDE CONCURSO

PIM-PAM-PUM

que se iniciará no próximo
número de a **MARIA RITA**

Será publicada uma autêntica **BARRACA DE FANTOCHES**, com 25 bonecos, todos diferentes.

Semanalmente serão atirados **SEIS BONECOS** abaixo. Para isso serão fornecidas aos concorrentes as seguintes bolas:

Na 1. ^a Semana	9 bolas
» 2. ^a »	8 »
» 3. ^a »	7 »
» 4. ^a »	6 »

Ficarão portanto a favor do concorrente 6 bolas, porque entre os 25 bonecos há um, a que daremos o nome de **Sempre-em-Pé** que não deverá cair.

O concorrente que o tomar, recuará **dois pontos** na classificação que lhe irá sendo atribuída da seguinte forma:

1 PONTO por cada boneco em que acerte.

Para controlar os **mortos** da semana, estarão afixados nas **Montras da Agência de Publicações, na Praça da Liberdade, do Pôrto**, desde o início do concurso, quatro envelopes, que serão abertos todas as 5.^{as} feiras seguintes, correspondendo cada um a cada semana do concurso.

Independentemente a **MARIA RITA** publicará a lista dos pontos obtidos por cada um dos concorrentes e a barraca com os bonecos atirados a baixo.

Só no último envelope aparecerá o **Sempre-em-Pé**; e por ele poderão os concorrentes fiscalizar se os pontos que lhes forem arbitrados estarão certos.

**::: NADA DE DIFICULDADES :::
NEM DE MENTIROsas REALIDADES
NEM TRANSCENDÊNCIAS MENTAIS**

OS PRÉMIOS

3 prémios de 500 escudos cada, para os concorrentes que alcancem mais de **20 pontos**.

10 prémios de 100 escudos cada, aos concorrentes que alcancem mais de **16 pontos**.

150 prémios de 10 escudos, representados por livros de igual valor, aos concorrentes que alcancem mais de **14 pontos**.

Entre todos os concorrentes, indistintamente, que alcancem mais de **10 PONTOS** será sorteado um aparelho de T. S. F. da grande marca **R. C. A.** (Radio Corporation of America) no valor de

2.000 ESCUDOS

**Nem favoritismos
Nem subterfúgios**

O que é preciso é

SORTE E BOA PONTARIA

As séries de **tiros**, que serão feitas directamente na barraca que a **MARIA RITA** publicará no próximo número, devem ficar na nossa redacção até Quarta-feira à noite da semana seguinte que corresponder à seguinte:

Experimentem a sua mão com

Vá lá ver a sua sorte

N. B.—Este concurso poderá ser iniciado da primeira semana. Para isto, bastará ao concorrente remeter as **barracas** recortadas desde o início e serem marcados os seguintes pontos:

1 semana de atraso	= 2 pontos
2 semanas »	= 5 »
3 semanas »	= 8 »

Desta maneira, e sem que sejam prejudicados os que joguem desde o início, toda a gente poderá correr ao nosso grandioso concurso nacional

PIM-PAM-PUM



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Apareceu em Salira, consoante anuncia o *Diário de Notícias*, uma rival da estigmatizada de Lamego. Já o povo lhe chama santa e corre a implorar-lhe milagres. Porquê? Porque a mulherzinha, quando se lava, deixa a água preta, — sinal infalível de estar no céu vestida e calçada.

Agora vejo o mal que fiz em despedir um criado do quintal a quem sucedia a mesma coisa. É verdade que só se lavava de seis em seis meses, e nos intervalos cheirava horrivelmente mal. Supunha eu que êsse desagradável perfume fôsse um sintoma de bodeguice; e afinal, — era cheiro de santidade.

A excelente revista de Guimarães, *Gil Vicente*, escreve o seguinte:

«Não me consta que no seio desta douta assembleia (a Academia das Ciências) jamais tenha entrado a sombra de um sorriso ou o rumor duma franca gargalhada. Tudo ali é soturno e grave; não viceja o riso, porque, das ideias aos gestos, só a tristeza impera naquela necrópole de sombras imortais.»

Tem razão em parte o distinto articulista. Mas só em parte. É certo que os académicos, quando retinidos, usam afivelar ao rosto a máscara de uma austera gravidade que quasi roça pela hipocondria hamléctica. Mas há lá dentro quem se ria a faltar: os estranhos que assistem às sessões.

«Padua, 24. — A alva vestida pelo Cardial Legado Pontifício, nas festas do Centenário de Santo António, desapareceu esta madrugada. O seu desaparecimento está envolto em profundo mistério.»

Conseguiu a MARIA RITA esclarecer o curioso incidente. O legado era bonito — como todos os legados — e as suas apaixonadas resolveram, cada uma de elas no seu fóro íntimo, poder-se da alva como recordação. Infelizmente, encontraram-se tôdas ao mesmo tempo na sacristia, deitaram as mãos à preciosa alfaia, e tanto puxaram por ela que a rasgaram em pedacinhos.

Passou-se isto, como é natural, — ao romper da alva.

Ecos da crise:

Certo clínico entra numa livraria, e o caixeiro, conhecendo-o, estende-lhe um volume acabado de chegar.

— Leve êste livro, senhor doutor, que é muito interessante.

— Como se intitula?

— «O que os doentes devem fazer enquanto esperam pelo médico.»

— Não me serve. O que eu desejava era um livro que me dissesse o que o médico deve fazer enquanto espera pelos doentes.

Formou-se no Brasil um novo partido que dá pelo nome de Patrianovismo. E, ao que leio num jornal, são já numerosos os patrianovistas, que sustentam nada menos de seis jornais.

O fim do Patrianovismo, como a palavra indica, é organizar uma pátria nova. Por que processo? Restaurando a monarquia.

Muita razão tem os que proclamam a necessidade de se refazer a história. Provado está, com efeito, que D. Sebastião se não perdeu em Alcacér-Kibir. Foi na ilha Fernando Noronha. E qualquer dia, em manhã de nevoeiro denso, vai desembarcar na praia de Copacabana...



— Já reparaste no meu vestido novo?
— Não, filha! Ainda me não mandaram a conta.

Certos jornalistas de Lisboa arrepelam os cabelos porque, no cortejo pagão em honra da Rainha da Beleza, iam duas dúzias de guardas republicanos envoltos no manto da Ordem de Cristo.

Não vejo motivo para tamanha indignação. Há muito quem use, não o manto, mas a própria Cruz de Cristo, valendo menos do que os modestos soldados.

De um diário católico:

«Ante-ontem, 750:000 crianças irlandesas ouviram missa e comungaram a fim de rogar pelo êxito do Congresso Eucarístico.»

Não andará no caso cifra a mais? A Irlanda tem 4.500:000 habitantes. Descontando o milhão de protestantes do Ulster, ficam 3.500:000. E como é que em 3.500:000 almas cabem 750:000 crianças em idade de comungar?

Salvo se a grande maioria dos irlandeses gosa da enorme vantagem de estar sempre na infância. Mas, neste caso, aquilo não é o Reino da Irlanda. É o Reino dos Miúdos.

Uma afirmação do marechal Hindenburg: — Palavras são palavras. A juventude alemã quer actos.

Tal e qual como cá. Mas os actos, sem palavras preliminares, não tem graça nenhuma.

Marcial JORDÃO.

NAS
Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

A D. Leopoldina Belo

Já chegou a Raíña da Beleza,
raíña da Colónia Portuguesa
na terra dos sabiás e dos caimões.
E a nossa "kolossal" MARIA RITA
— que, nos seus tempos, também foi bonita —
envia-lhe cordeais saudações.
É bela a senhorita Leopoldina
(bela no corpo e Belo no apelido);
de uma elegância tôda florentina;
profundo o olhar, como o canal do Lido.
Nasceu na Cava de Viriato; e nela
passou a infância cândida e singela.
Mas o pastor do Hermínio, se hoje a olhasse,
é de esperar que nunca mais "cavasse",
vivendo para sempre junto de ela.
Pois se Hércules fiou aos pés de Onfale,
e Sansão viu a sua força extinta,
também o velho herói, rude e leal,
do país que ao depois foi Portucale,
era capaz de pôr a roca à cinta.
E se em Viseu ficasse em boa hora
essa flor de beleza e de harmonia,
— tantos pretendem sua mão de aurora —
é natural que se travasse agora
uma nova batalha do Pavia...

Mas que esplêndida ideia me ocorreu!
Fique por cá, Raíña da Beleza!
Não há céu puro como o nosso céu,
terra tão linda como a portuguesa!
Lá que o Brasil nos negue o nosso "parne",
pagando em ôsso o que levou em carne,
inda se admite e já nos não faz mozza;
mas que, ao menos, nos deixe o gôzo ardente
de vermos entre nós, eternamente,
uma mulher bonita que é só nossa!

TURIDDU.

ANUNCIOS da MARIA RITA

Empresta-se — Uma criança de seis anos, bem comportada e comendo poucos doces nos chás que lhe oferecerem. Não é inconveniente e chama *mamá* à pessoa que a levar.

Dão-se — Alguns pares de murros em primeira mão. Quem precisar dêles por junto, paga apenas os direitos de transacção.

Oferece-se — Matrona com um ar respeitável, para passar por *mamá* de bailarina de café concêrto ou de menina só. Sabe dizer meia dúzia de arrieiradas em espanhol, o que lhe dá um tom muito distinto.

Aluga-se — Um grande divan, próprio para lutas corpos a corpos e demais exercicios desportivos. É resistente e não tem ruídos incomodativos.

Vendem-se — Flores de laranjeira, muito mimosas e nada enxovalhadas, próprias para festas de gala, casamentos, etc. Pagamento adiantado, por causa das... mósças.

Oferece-se — Um matulão, mau como as cobras, para passar por marido ofendido na sua honra ou amante ciumento. Preços módicos, ou seja cem escudos por cada espantadeira de homem.

Precisa-se — De uma lata de gasolina rectificada, própria para tirar nódoas da roupa e outros pertences de menina honesta, de porte acima de qualquer suspeita.

P. S. — Podendo ser, é favor responder a êste anúncio com duas latas, que talvez se gastem.

Nas Bocas do Mundo

Comentário da semana

Temos hoje que recorrer a um caso que, pensado bem, pode ser triste. Mas ao mesmo tempo é forte.

Foi o caso que outro dia, o nosso novo Pôsto emissor da *Casa Forte* estava a radiar desengonçadamente, e muito a propósito. Eis senão quando chega até êles um pedido especial dos doentes dum Sanatório cá do Pôrto.

Queriam uma música alegre, coitados! Tristezas já êles teem que chegar. Pois, por infelicidade não foi achado o disco reclamado; mas o *speaker*, desde ao princípio de todos os *speakers* da nossa terra, não quis deixar sem música os pobres doentinhos. E num rasgo muito para agradecer, resolveu radiar de seu motu-próprio um fado português que entre outras coisas choradinha como é de uso em tôda a campina nacional:

Eu gosto dos cemitérios
Por serem tristes funérios...

Não consta que os doentes agradeçam...

F. L.



A

Adega Ideal do Lavrador

É a adega ideal do apreciador de bons vinhos

Vendas nas seguintes filiais:

Rua do Bomjardim, 361 e 363 (Esq. da Trav. de S. João). Telef. 5617.

Rua das Fontainhas, 193 e 195.

Rua do Teatro S. João (Vulgo Cima de Vila).

Rua Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Crisóstomo). Telef. 5802.

Rua da Constituição, 1395.

Rua de S. Roque da Lameira, 2785.

Avenida Fernão de Magalhães, 53 e 55. Telef. 266.

Largo Campo Mártires da Pátria, 54 e 55 (Vulgo Cortes).

Largo Maternidade Júlio Dinis, 1 e 2 (Vulgo Cortes Pequeno).

Travessa da Banharria, 24 e 26 (Esq. da Rua dos Saldos). Telef. 905.

Rua Anselmo Brançamp, 633.

Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

Na FOZ — Rua da Senhora da Luz, 238 e 240.

314 — FOZ.

Em MATOZINHOS — Rua Conde S. Salvador, 10.

(Esquina da Avenida Serpa Pinto). Telef. 100.

MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR é comprar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos,

a preços que todos podem comprar!

A marca de combate à falsificação

de vinho autêntico velho do Pôrto

Peruzinho ou Perosinho?

Uma questão nacional

Como sabem, esta questão que a MARIA RITA levantou, tem causado engulhos a muita gente. Só da risonha freguesia de Vila Nova recebemos nada menos que dezassete cartas, sob o mais rigoroso incógnito, cada uma delas dando uma opinião e acusando um sujeito.

Mas a MARIA RITA até hoje só acusou Pilatos, que são os meninos da Avenida; por isso só transcreve as cartas inofensivas. Ei-las:

Do sr. J. D. — Lisboa:

Meus amigos: a vossa questão de Perosinho, não pode ter ingresso na douta Academia. Tem razão de existir e tanto basta. Andei aos tombos a compulsar livros de toda a espécie; mas em nenhum deles encontrei a razão do «u» aberto. Beijo as mãos da nossa MARIA RITA.

Do grande vate João Maria Ferreira:

*Galante MARIA RITA:
Co'a solução não acerto;
Mas para entrar nessa fita
Disponho do «u» aberto.*

Há no entanto um habitante dêsse célebre rincão português que nos enviou uma epístola capacíssima. Por isso mesmo a transcrevemos na íntegra, pedindo desculpa do ousio.

Crida MARIA RITA:

Fiel ó teu apêlo cás tou eu pra pôr tm pratos limpos a questão do Perosinho. Perosinho num é cuma muntos imagino pois num pertense nem á Vutânica nem á Zuulugia. Isto de Perosinho é um caso simples pra quem cunhesa da Istoria cuma eu. Cuma nascença do nome Perosinho já bem além dos noços quinta-bós, difícele é çaversse sele é ó não cu u aberto ou cu o fichado. Quem pudrá çavêlo? Nesse tempo, que me aconste não abia a façelidade davrir e fichar o u cunsante o gosto de cada um, bisto cus tempo ero outros.

SAMEIROS

Um grave conflito Automobilístico — Religioso

Há muito já que pelas sacristias se falava num complicado assunto, que de-veras interessa à igreja e aos azes do volante.

A MARIA RITA pôs-se em campo, e averiguou do que se tratava, por intermédio dos seguintes telegramas que chegaram ao nosso conhecimento:

Um protesto do Bom-Jesus

BRAGA — a S. S. Papa-Roma: Chamo a atenção de S. S. para a propaganda que a Senhora do Sameiro faz por meio de carros automóveis,

Ai bai pois a berdade dos fatos paçados na dita suprasitada incasião:

Reinando de Porto Cal pra lá, p'ró Sul, isto é inté o lemite do seu Reino, e onde istaba inquietuido Perosinho, reinaba antão o Rei dos Trizigodos; Zinho I, çenhor aveçoluto daquele dito cujo reino, cando uma bez acunteçeu, como era de cosiume, aber um a grande guerra cus bezinhos do reino pegado.

Os bassalatos cumo çempre foru fleis ó seu Rei e açim fóru pra guerra ós gritos de Per o Zinho! Per o Zinho! e o quê fato é que bingêru a dita cuja guerra e pra cumemurar o dito cujo feito dêru este nome á terra em onra do seu Rei.

Está bisto pois donde bem a alumiasão de Perosinho. Os guerreiros deziam per o Zinho, per o Zinho, em bez de pelo Zinho, o que naquele tempo se num uzaba, bisto ainda num aber contrasões, pois cumo toudos çavem a palabra pêlo é a contrasão per o e cumo naqueles tempos num se contraia mesmo nada, salbo a contrasão do matrimonio, beio dai antão o nome de Perosinho ca tnda suza pra onra dos seus avitantes.

Creia a minha voua MARIA RITA que pur laracha e prd relia os natibus cá quem diga cu nome bem de Pero-Vutânico ou Peru-Zuulogico.

Quem tuber dubedas sovre os fatos da istoria que fala cumo jente, queira bir ter cumigo queu les amustrarei os alfarravios quim ziste nesta istorica freguezia na torre do Tramvulhão que fica anequeça ós paços regidurianos desta dita freguezia.

Sem baldade, fico cu orgulho de ser a primeira peçoa que duma maneira doçesiba e sem sufisma, agarrado á istoria, poude pôr a limpo o nome ourado e istorico de Perosinho.

Perosinho cum o o fichado ou u averto num importa ó caso.

Penço que cum esta minha carta benha fazer inteira luz sovre este açunto e istou çerto que toudos os avitantes de Perosinho çaberão agradesserme o exquelareçimento, cal fica.

Tremino dando um intuziasticu biba a Perosinho e a toudos os seus natibus e singeros admiradores.

A minha voua MARIA RITA descurparmará á maçada e desde já la gradeçu. Sou bosso admirador e ovrigado

Perosinho, 27 do Sanjo ão.

Mano L.

prejudicando-me e lezando os meus interesses.

Tôdas as semanas os Sameiros ganham prémios em Ginkanas, com grave desprestígio da religião que se vê ligada a aparelhos diabólicos, accionados por Satanaz.

A Senhora do Sameiro tem-me prejudicado tôda a vida, mas agora muito mais, pela facilidade com que faz o seu reclame movido a gasolina e com força de cinqüenta cavalos.

(a) Bom-Jesus do Monte.

Um telegrama do S. Torcato

GUIMARÃES — a S. S. Papa-Roma: Faça minhas as palavras do Bom-Jesus.

Realmente, não se compreende que o povo vá a pé ao Sameiro, e que os Sameiros andem de automóvel!

Isto é uma pouca vergonha!

E a continuar assim, vou convidar os Torcatos a concorrerem também às ginkanas e às corridas.

E, depois, veremos quem ganha, se os Sameiros se os Torcatos!

Fão como te fão! E, sendo preciso, vai-se até Espozende!

(a) S. Torcato.

Como os nossos leitores vêem, trata-se dum importante conflito auto-falante-religioso, que pode trazer múltiplos embaraços diplomáticos.



PERFIS DO PORTO

XI

ALFREDO CUNHA (Raza)



ou Cupido de chapéu de côco

A VIDA E A MORTE

XI
AS MÃIS



— Ah! meu pequenino, não saibas nunca a imensa estupidez de teu pai!

Posta restante

Mário Rito — Temos em sua e nossa casa a crônica da sua terra. Não vai neste número. Desculpe. No entanto foi aceite, como serão aceites tôdas aquelas que enviar do mesmo gênero, isto é: engraçadas, inofensivas e de interesse.

Tenha paciência e espere o número 12 desta sua criada.

Compra-se — Cavalheiro respeitável, deseja comprar vestido de senhora nova e bonita, elegante e com dinheiro. Não se importa que a possuidora se esqueça e vá lá dentro.

Os melhores pensamentos são os que se fazem com poucas palavras, exprimindo, nelas, uma infinidade de lições.

IMPrensa

Portugal Feminino — Recebemos esta conceituada revista da mulher. MARIA RITA, como senhora que se preza, não fará mais que indicá-la a tôdas as senhoras portuguesas, com a certeza de que pratica uma belíssima acção nacionalista.

Gazeta — Também o correio nos trouxe este interessante e moderníssimo (no aspecto, apenas) semanário que se publica nos Açores. Agradecemos e vamos retribuir.



O esqueleto humano

O esqueleto humano é assim a modo dos guarda-chuva sem paninho. Faz parte da família dos vertebrados, e zoológicamente é considerado como necessário para a vida. E' por isso que êle fica sempre inteiro mesmo depois da morte.

Um homem, sem esqueleto, é igual a uma tijela de marmelada fresca ou a um copo de geleia. Nunca ninguém conseguiu apurar como é que o esqueleto entra para dentro da gente, mas ainda se não perderam as esperanças.

Os bombeiros costumam fazer exercícios sobre um esqueleto e às vezes põem os ossos num feixe.

Os esqueletos habitam de preferência nos cemitérios, ou nos quartos dos estudantes de medicina. A uma dança de esqueletos, chama-se uma dança macabre; também o charleston dá cabo do esqueleto.

Os esqueletos além de ossos também tem espinhas.

PRATA DA CASA

Má compreensão

O Aniceto, coltado,
Poeta jovem e pobre,
Cujo bôlso anemiado,
Há muito não vê um cobre,
Alugou, p'ra sua toca,
Uma mansarda a cair,
Lá p'rós lados da Barroca,
Quatro paredes, sem tecto,
E uma cama p'ra dormir.
Ali, o bom Aniceto,
Passava os dias, sentado
Numa velha e manca mesa,
Fazendo o verso empolado
Ao amor e à Natureza.
E no furor da poesia,
Nunca tinha reparado
Numa moçoila sadia,
Que lhe trazia arrumado
O seu quarto de estudante.

Mas um dia,
(Para amar basta um instante)
Quando a alma lhe desceu
Da mansão da fantasia,
E banzado, percebeu,
Por coisas que obrigou,
Que era a môça um belo traço
De lhe tirar o chapéu,
Disse-lhe, n'um embaraço,
Próprio em poetas apenas,
Vendo o seu lindo reçoço
E as suas faces morenas:
— Pequena, espera um momento,
Preciso de te falar!
(E pondo-lhe a mão num braço)
E's um amor, um portento.
Eu vou-te immortalizar!
A rapariga recua,
Solta-se n'um repêlão,
E em frase seca e nua,
Pondo um chinelo na mão,
Berra-lhe assim: Pois não há!
A vantagem, eu q'ria ver!
Astreba-se e então verá
O que lhe há-de assuocer!

Dr. KNOX.

A mulher em sua casa... e o homem no ôlho da Rua

Voltamos hoje à baila, com algumas instruções que achamos oportunas.

E não precisamos para isto de recorrer à imaginação, ou à importação das diversas «Evas» estrangeiras. Basta recorrer ao «Diário de Notícias» de segunda-feira última.

Na sua secção femenina, diz-nos o conspícuo diário, e vetusto matutino:

O que se usa:

O comprimento das saias que foi causa de tantas discussões, não se tem modificado muito.

O «tailleur» e o vestido de desporto devem ficar afastados do solo aproximadamente 30 centímetros. Os vestidos da tarde alongam-se até quasi ao tornozelo. Os da noite tem que ir até ao chão.

Quere dizer: com o cair do dia, caem os vestidos. E de tal maneira que quando chega a noite, só no chão é que êles param! Abençoada moda!

Novidades:

Os ingleses, para quem «the time is money», lembraram-se da vantagem que haveria em aproveitar para a leitura o tempo que passam no banho. Para isso, imaginaram criar livros,

cuja perfeita impermeabilidade lhes traria essa vantagem.

A ideia teve um grande successo naquele país, e dentro em pouco, nas praias «chics», ver-se-ão as loiras «misses» boiando com o livro impermeável nas mãos.

E' por esta razão que não há de levar muito tempo que a gente veja nas praias elegantes do nosso Norte, as mulheres com volumes de borracha nas mãos para levar para o banho.

E se a ablução fôr em casa, não há nada como um *Amor de Perdição* em catchu, para ler no banho-maria!...

Lídia Mota:

Querendo aparentar ter os olhos grandes, pinte um V na parte externa das pálpebras, em direcção às fontes, mas duma forma quasi imperceptível. Como é loira, deve usar para isso o lápis azul.

Não sei se compreenderia bem, Sr.^a D. Lídia Mota. Olhe que o V vai mesmo até às fontes. Desta maneira o ôlho ficará muito maior, e a parte externa das pálpebras fica pouco colorida.

Tenha cuidado, porém, que as águas das fontes, podem estragar a pintura.

Como nasceu, viveu e morreu

um de muitos que andam por essas ruas

Nasceu o Tobias como nasce tôda a gente. Dum pedido ao ouvido seguido de promessa formal, a recusa indignada dela, etc., etc. Duzentos e setenta dias depois saia, ou por outra, entrava êle neste mundo mais porco que um certo politico *doublé* de humorista.

Depois do habitual banho geral, não faltou quem o achasse a cara do pai pintado, embora êste fôsse peludo e matagoso como um autêntico Buiça, e êle, o rebento, pelado como um coelho estolado.

Sorriu-se pela primeira vez quando lhe mostraram, túrgido e reboludo, o seu restaurante, um seio de ama sadia e fresca. Foi um sorriso singelo, que já mostrava a peça que êle havia de ser no futuro.

Aos dez anos teve um ataque de bexigas que o deixou mais áspero que uma parede pintada a Pirrol, a tal tinta que imita a pedra. Os médicos viram-se gogos para dar ao seu rosto escalvrado a forma duma cara. Mas enfim, amassa daqui, endireita dali, corta aqui, aumenta acolá, lá lhe arranjaram uma cara, que a-pesar-de tudo, era uma autêntica vergonha. E' daí que vem o dizerem que o Tobias foi tôda a vida um grande bexigueiro.

Anos depois, quando começaram a percorrer o seu sangue os *miaus-miaus* da puberdade, andou dois dias a berrar pelos corredores lá da casa:

— Mã! Quero casar! Mã, quero casar!

E só o calaram metendo ao serviço uma desempenada sopeira que era de se lhe tirar o chapéu, de se lhe tirar a roupa, enfim, de se lhe tirar tudo.

E tais fêz e tanto à risca queria cumprir com o preceito: *creseci e multiplicai-vos*, que a mã, aterrada, resolveu casá-lo fôsse com quem fôsse, fôsse como fôsse. Ai! o casamento é ainda uma grande válvula de segurança para certas pressões vindas do interior!

Mas o nosso homem, com muito má bôca, não se atirava assim ao primeiro pedaço de

carne que lhe mostrassem, embora fôfo e morninho. Foi o diabo, até que lhe mostraram uma esclerótica menina, suspirosa por qualquer coisa que não sabia defenir mas que adivinhava, qualquer coisa que lhe ocupava os sonhos e que esperava, tornada um dia realidade, lhe viesse a encher as medidas da sua fantasia de amorosa inocente!

Na noite do casamento houve festa rija, o que se chama uma verdadeira festa de arromba. Bebeu-se, comeu-se, dansou-se, fumou-se. Pela parte dêle não descansou enquanto não rompeu... a madrugada seguinte.

Três meses depois, quando lhe nasceu o primeiro filho (não se admirem os meus caros leitores, que isto succede a muito boa gente) era vê-lo participar a ocorrência aos seus amigos e amigas (*onny soit qu' mal y pense*) assim com uma cara como a dizer-lhes: — Então, hên? Julgavam que eu cá que...

O filho quando cresceu pôs-lhe o sal na moleira, acabando até por lhe roubar a afeição duma certa costureirita que êle tinha em muita estimação. Foi então que o Tobias percebeu que estava a envelhecer, o que, infelizmente, nunca chega a suceder a muita gente.

Desgostoso, arreliado, sem coragem para se suicidar como qualquer Romeu lamecha, conseguiu apanhar uma indigestão de bacalhau com grêlos que, a-pesar-dos esforços da sciência, o levou desta para melhor.

Vi ontem o Tobias no caixão. Havia no seu rosto enrugado uma dúvida a pairar, persistente. Adivinhei-a. Seria o bacalhau que o matou? Seriam os grêlos? Ah! O cruel dilema! Sim, meu bom Tobias! *To be or not to be*, eis a questão!

Dr. OX.

N. da R. — *A's pessoas que estejam fartas dêste mundo, recomendamos tal meio de suicídio. E' cómodo, agradável e barato.*

Rés-do-chão

Balancete da Semana

Foi o último Santo, — dê s: trio que o Povo tem em grande devoção: S. Pedro, o caivo; Santo António, o pio, e o velho S. João.

Do pobre Santo António já passaram de moda os tais sermões, porque há muito os peixinhos se mudaram em gordos tubarões...

Ricos e párias, velhos e garotos, prefere S. João, que um ano inteiro comeu unicamente gafanhotos p'ra nos deixar, intacto, um carneiro...

E o Povo pede esmola de dia, mas de noite toca viola...

No S. Pedro, a rabeça não uiva, nem o bombo a gente escuta. Não tem cascata, o triste, não tem gruta, nem pêlos: E' careca...

Por ninguém lhe ligar meia, podia vingar-se o Santo, meus leitor's amados, — pedindo a S. Francisco, por um dia, as armas... p'ros varões assinalados... Mas é bondoso e simples de nascença: Abre a porta a quem chega, — que fadário! — perdoa agravos, gestos d'indiferença, — e continua a ser claviculário...

Parece que a Rainha da beleza da Gente portuguesa que vive no País do Sábá, perturba o nobre Povo, insuflando, por vezes, sangue novo nos ciprestais cinéfilos de cá.

Sim, porque, ultimamente, «cinéfilo» é sinónimo de gente môça, mas incapaz de derramar pouca vergonha, a rãdos...

...Alguns, porém, tem-se rasgado todos! Eles e elas pensam no que faz Any Ondra no «studio» — e mais não disse p'ra não gostar vocábulos sem nexo...

Parecem d'outro sexo! Beber? Se bebem, fazem-no por traz de nós, naturalmente...

Frei-SATAN.

Muita gente julga que

o PINTO Camiseiro

faz só camisas bem feitas. Mas a verdade é que êle faz de tudo o que diz respeito a camisaria: **ATÉ BONS PREÇOS.**



D. MARIA RITA

DEU-NOS a subida honra de subir à nossa redacção, para nos dar o ósculo compatriota das nossas irmãs de além-mar, a Rainha da Colónia do Brasil, *mademoiselle* Leopoldina Belo, uma Belo que é uma sedutora Bela que deixa a perder de vista tôdas as outras belas, desde a *bela* Bosch até à *bela* de Erbon.

A MARIA RITA recebeu a gentil senhora com requintes de amabilidade e de carinho, oferecendo-lhe um Pôrto



Coelho Neto

A RAINHA DE QUE VEM "DI LÁ," D. Leopoldina Belo vem brincar a D. "Maria Rita,"

Um álbum artístico

Rainhas a'c'um pau!

Um baile elegante

de honra, depois de o sujeitar a um exame médico-legal, onde se constatou que o supracitado vinho era realmente honrado desde nascença.

A nossa formosa patrícia, amplexou todos os membros, calvos ou quási calvos, da nossa redacção, deixando em nosso poder um álbum de que era portadora, contendo sublimes pensamentos das primeiras figuras brasileiras.

Um álbum original

Frases célebres de Cariocas, Paulistas e Riograndenses

O álbum que as celebridades brasileiras nos enviaram tem um cunho de originalidade inconfundível. As folhas são de casca de banana, sendo impressas a tinta de abacaxi, com tipos de maracujá, massaranduba, goiabada, etc.

A capa—um mimo de beleza e arte—é tôda de carne sêca, forrada a feijões e com a lombada em vatapá reforçado.

Um encanto para abrir o apetite! Transcrevemos as principais frases:

De Medeiros e Albuquerque:

A língua brasileira nada tem com a língua portuguesa, embora seja sua filha. Devemo-nos emancipar, para que se não diga que a nossa língua é filha da mãe!

De Raul Pederneiras:

A nossa língua, a nossa verdadeira língua, é a língua de Minas com feijão preto!

De Augusto Prestes:

Queridos portugueses, se eu estivesse na presidência da República, teria pago os juros de todos os papéis.

De Getúlio Vargas:

Deixa *falá* o mocinho. O *qui* êle tem é caroço... *di* bânana!

De Washington Luís:

Fui tão bem recebido na pátria de Camões, que quando regressar ao Brasil, volto a plantar a árvore das patacas.

De Maurício de Lacerda:

Só se forem patacas falsas! Este senhor Washington faz-me lembrar um espirro: Atchim... Luís!

De D. Sebastião Leme (Arcebispo do Rio):

Se isto assim continuar, o remédio é: R. I. P. Padre-Nosso Avé-Maria.

De Coelho Neto:

Vocês teem aí o Rui Coelho e o coelho à caçadora. No Brasil cá estou eu, que, a-pesar-de ser neto dum coelho, ainda sou a lebre que mais corre na literatura brasileira.

De Catulo Cearense:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá

.....
Vai cantando passarinho
P'ra ver se cai o maná.

De Juarez de Távora:

Se eu tenho nascido um século antes, o verdadeiro Napoleão era eu mesmo!

Em honra das Rainhas!

Fala o orador da Raça

Para retribuirmos a requintada gentileza de D. Leopoldina Belo, organizamos no nosso salão de madrepêrola e diamantes, uma sessão permanente e solene, para a qual convidamos tôdas as rainhas brasileiras e as suas colegas das repúblicas da América do Sul.

Usou da palavra o Sr. Dr. Leonardo Coimbra que saúdo as rainhas (reviravoltas de filósofo!) explicando a acção que o cosmos produz quando aplicado à cútis feminina.

O salsifré da realeza

Toca a dar à perna

A seguir à sessão realizou-se o grandioso baile dedicado à Rainha da Colónia e às outras rainhas que eram as seguintes:

Do Brasil:

—Rainha de S. Paulo e S. Pedro e doutros apóstolos.

—Rainha do Amazonas a cavalo... marinho.

—Rainha de Minas... de S. Pedro da Cova.

—Rainha de Mato Grosso e Fino.

—Rainha do Ceará... ou não ceará, é conforme o dinheiro que trazer.

—Rainha de Pelotas... por causa do calor.

Das outras Repúblicas

Sul-americanas:

—Da República das Honduras e moles.

—Da República do Perú recheado e com batatas.

—Da República de Guatemala para levar a roupa.

—Da República da Bolívia dupla.

—Da República da Nicarágua, nicarvinho e nicarcerveja.

—Da República Argentina para tomar banho.

O baile decorreu numa animação estonteante e embriagadora.

Os pares eram de duas pessoas, sendo todos obrigados a dançarem com os pés.

As nossas rainhas

Uma trindade... e pêras

A's três horas da madrugada entraram no suntuoso salão as três rainhas portuguesas:

D. Ana Guedes, rainha da caridade.

D. Aurora Jardim Aranha, rainha da literatura, e

D. Maria Rita, rainha da graça portuguesa, (presunção e água benta...)

Quando as três rainhas penetraram no salão, o delírio atingiu o auge e atingiu de vermelho as faces gregas das deusas de beleza.



D. Sebastião Leme

Ficou tudo a... tingido a sêco, porque ainda se não tinha servido o champanhe.

Notas finais

Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

—No fim, para que as rainhas não fôsem para casa sòzinhas, tivemos de arranjar *dez reis* para as irem acompanhar.

—No dia seguinte a MARIA RITA ofereceu no Rainha, um grande banquete às rainhas.



Dr. Washington Luís



As meias finais

ou o melhor meio de ir às finais, ou ainda, as "meias" finais são as piores de descalçar

Desta vez a coisa como se tratava dum jôgo a meias foi jogado no Ameal. A-pesar disso e do campo ser muito maior do que o da Constituição, para que não nos acontecesse o mesmo que no Pôrto-Marítimo, onde quem estivesse às portas estava mesmo às portas da morte, fomos para lá com o sol alto e o almocinho numa cesta. Por isso conseguimos alojar convenientemente a parte mais respeitável da nossa indumentária numa almofada do asilo.

Temos de confessar, porém, que o almôço não nos soube a nada, tão emocionados estávamos pela expectativa dêstes dias de grande gala.

Emquanto esperávamos pelas cinco horas entretivemo-nos em tudo; até em calcular mentalmente que aquelas massas de povo, iam acarretar outras massas formidáveis para o cofre da Federação.

A assistência

A's cinco menos um quarto, o campo oferecia aquele aspecto que se costuma ver nos jornais estrangeiros. Gente, tanta gente que já não havia almofadas. Felizmente não faltavam jornais que se iam aproveitando para ver da melhor forma.

No ar sentia-se um cheiro a próximo... encontro. Ouvi-se bater os corações. Um calor de rachar, a-pesar-do Bento andar de lado para lado a animar os rapazes.

Entrada em campo

A's cinco menos cinco, quer dizer: às zero horas, entrou o Benfica. Palmas. Vivas (o *bouquet* foi no final). Depois entra o Pôrto que repica, enquanto a assistência vive um minuto de loucura, e o Rodrigues de S. Braz experimenta a sua garganta.

O árbitro

Era o Amarante disfarçado, tal e qual o vimos no "az do foot-ball". Camisola de banho e cabeleira postiça a fingir careca. A-pesar-de tudo deu a impressão que ninguém faria *Farinha* com êle. E' o que vamos ver.

Desde que entrou em campo, ouviu-se na assistência:

— O' pá! Atão o árbitro não é o Palhinhas?... Que chaticê!...

Verdade, verdade. Para o calor que estava, fazia falta um *palhinha*.

O jôgo

Eram cinco em ponto — abençoado Deus! — quando o sr. Farinha, deu saída à bola. Desde essa horinha o Pôrto começou a dar a entender ao Benfica, que ia ficar mal. Bola para um lado, bola para o outro, e o Waldemar zumba para fora, o Acácio tumba para o lado, e o Pinga zaz por cima da trave. Quer dizer: os goals não entram por um *trio*.

Waldemar que já tinha chutado meia dúzia de bolas para fora, resolve sair êle também maguado... pela falta de sorte.

Na assistência virada ao sul, de cada vez se notava mais a falta de palhinhas e de palha.

Volta de novo Waldemar ao terreno. Chegou, olhou, correu, chutou e marcou a primeira bola da tarde.

O Bento teve uma apoplexia, e o Pinto um insulto apoplético. Quanto aos trezentos manos Rodrigues, soltaram outros tantos vivas.

Intervalo

Os que reclamaram o Palhinhas foram tomar refrescos por causa da bôca sêca. Os do Benfica comeram laranja azêda, e dos Pôrto contentaram-se com uma *Pinga*.

2.^a parte

Cá no nosso entender ainda durava a pinga do intervalo, pois que mal o sr. Farinha encheu o apito, o Pinga agarrou na bola e foi pregar com ela nas rêdes do Pedro da Conceição.

Parece-nos que os rapazes do Benfica ainda se julgavam no intervalo.

Daí em diante quem pagou as favas foi o guarda-rêdes do Benfica. Tantas bolas defendeu e tantos goals salvou que passaram a chamar-lhe o S. Pedro da Conceição.

Quási sempre no campo vermelho, os rapazes do Pôrto passaram a lembrar-se de amanhã, se Deus quiser!...

E foi com o Sciska a olhar, o Avelino a desarmar, o Temudo a calcular, o Sequeira a se-calhar, o Sousa a pingar, e as *pontas* no ar, que o Acácio resolveu pregar com um tiro num poste, que não gostou da gracinha e lha devolveu para a cabeça e daí recocheteou para se encafiar nas rêdes.

A coisa foi tão linda e de tal efeito que o Vítor Silva queria à viva força

que o Acácio tornasse a repetir a gracinha; mas o sr. Farinha não concordou com isso por ser tarde, e trouxe a bola ao centro.

Desde êsse momento o Vítor quis bater no Avelino, e o Avelino bateu no Vítor. Foi o único bocado de bom *association* da tarde.

Final

Quando terminou o jôgo, a multidão levou os vencedores em triunfo, gesto êste que fêz saltar as lágrimas, ao Bento, ao Passos e ao Zé Dias.

Moralidade

Rapazes da nossa terra! E' preciso *fazer das tripas campeão*.

Mas se a fatalidade quiser que no jôgo de amanhã venha a derrota, que vos fique ao menos a certeza de que a MARIA RITA vai convosco e com ela tôda a malta que deseja ver o nome do Pôrto muito ao alto.

Fazei das tripas campeão!...

Casos da rua

Acidente gravíssimo — Ontem, o conhecido *sportman* Rui Sá, guiando o seu automóvel, atropelou na rua uma gentil menina. Com tanta infelicidade, que três meses depois se casavam os dois na igreja de S. Francisco.



— Sabe você qual é o segredo da boa saúde no sport?

— ?!!!...

— E' comer cebola...

— Ah! Mas êsse segredo é muito difícil de guardar.

FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL



Minha querida MARIA RITA:

No fim de contas, porque não heide eu contar-te esta história? É muito divertida; e ninguém como tu, com o teu feitiço humorístico, saberia dar-lhe guarida, saboreando-a.

Anunciam os jornais todos, ou quasi todos, que vai ser distribuído o Prémio da Imprensa, para 1931-1932.

É uma ideia muito simpática; e simpáticos serão, como este, todos os incentivos literários.

Tem no entanto, por traz da cortina, uma história com muita piada, perdoa o termo.

Queres ouvir?

Eu ando fora de tôdas essas coisas, e vivo momentaneamente na lua, que ainda é a região onde é mais suave a lei do inquilinato.

No ano passado, publiquei um romance que me levou muito tempo a pensar, muito tempo a escrever; e julguei, sinceramente, que seria eu o único a achar o livro bom; (isto não é modestia; achá-lo bom é a única desculpa de o ter publicado). Afinal, saí-me a sorte grande. De todos os sectores intelectuais e políticos, de tôda a parte e de tôda a gente, começaram a chegar-me ecos inesperados, de aplauso que me abismaram. Longe de ser desconhecido ou mal-julgado, o meu livro foi bafejado pela sorte, caiu em graça, e venceu. (Não te digo o nome dêle porque tu já o conheces e detesto a ideia de fazer reclame...)

Um dia, no Diário de Lisboa, encontrei o Norberto de Araújo. É um jornalista brilhante, como sabes; e um escritor de talento, que firmou A Novela do Amor Humilde e o Fado da Mouraria, (este último publicado também em 1931). Com a melhor camaradagem, assim me falou mais ou menos, e assim mais ou menos te respondi:

— Etão sabe que vamos ser rivais?

— Não sei. Conte lá...

— No Prémio da Imprensa...

— O que é isso? Não sei de nada!

— Vai ser distribuído o 1.º prémio literário da Imprensa. É uma iniciativa interessante. Pelo que tenho ouvido à rapaziada, é voz corrente que os dois livros mais votados são o seu e o meu...

— Está a mangar comigo!

— Falo sério. Muito sério. Você não deixe de concorrer.

— É muito elegante da sua parte dar alento aos rivais. E olhe que se você não me fala nisso eu nem sequer sabia de tal prémio.

E derivou a conversa. (Para dar-te, MARIA RITA, a noção da camaradagem de Norberto de Araújo, que quero pôr fora da questão, acrescentarei que a sua crítica ao meu livro no Diário de Lisboa, foi das mais honrosas para mim; e acrescentarei, ainda, que pela posição que ocupa na Casa da Imprensa éie está agora excluído do Concurso).

Confesso-te que nunca mais pensei no caso. Passaram meses. Agora anuncia-se o Prémio, para 1931-1932.

E é aqui que começa a ser divertido. Com efeito, para a Imprensa Portuguesa, 1931-1932 é um ano de 9 meses! Estamos em Junho de 1932, e só podem concorrer ao Prémio os livros publicados desde Outubro de 1931. Porquê? Mistério... Mas um mistério fácil de desvendar. É que, justamente em Junho de 1931, apareceu o tal livro que era um dos dois mais cotados... A única maneira de se verem livres dêsse livro era arranjarem esta porta falsa, tão engraçada: — uma tesourada no calendário.

Se não se tratasse de um prémio pecuniário, se não me parecesse sempre deselegante vaidade a gente puxar por direitos em campo de pura competição intelectual, — eu fazia, MARIA RITA, um grande banzé. E creio que boa parte da Imprensa se insurgiria contra uma «habilidade» tão transparente.

Prefiro, aqui entre nós, contar-te o caso; e rir, contigo, da batota. De resto, é de crer que

pegue a inovação. Porque ao fim de 12 meses de actividade literária, lá fora, distribuem-se prémios; — e entre nós, ao fim de 9 meses, deve nascer uma panelinha...

Lá está reunida outra conferência do desarmamento. Eu só queria agora ser proprietário de uma fábrica de material de guerra ou de um estaleiro... Está provado que, depois de cada conferência pacifista, há um salutar recrudescimento de actividade em tôdas as indústrias guerreiras. O mais divertido é sentir o Sr. Herriot atrapalhado, a ter de ser contrário a si mesmo — visto que é, ainda, francês. Vê-se azul. Consta-me que se alimenta só de «tourne-dos... à la broche»...

Tem sido festivamente recebida a populosa excursão de portugueses do Brasil que vieram matar saudades de Portugal. Por grata que seja ao nosso coração, devo dizer que mais lógico e muito mais útil seria que, todos os anos, se organizasse uma grande viagem de portugueses de Portugal, para visitar o Brasil.

Temos por lá muito e muito que aprender... e apreender.

De vez em quando, como suave fantasma de uma suave ilusão, agitam-nos diante dos olhos a abolição da Lei Sêca, na América do Norte.

Eu não acredito que o presidente Hoover, ou qualquer outro dos insignes maduros que vão periódicamente habitar a Casa Branca, seja capaz de abolir uma lei que dá de comer a tanta gente, — sob o pretexto de a impedir de beber.

É mais. Tenho muito medo de que a abolição, a dar-se, fôsse contra-producente. Uma pipa de vinho cabe numa botija de aguardente. Os americanos não compram a pipa, — mas estão sempre com a boca na botija. E pagam-na por uma fortuna desde que a uva é o fruto proibido. Se amanhã abrissem as portas às pipas, não passariam a beber por lá mais líquido mas menos alcohol? E não pagariam o permitido por menos de metade do que pagam pelo defezo? Pensem nisto os que veem, na abolição da Lei Sêca, — um Eldorado. Podia ser bem um canudo. Dispõe sempre do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.



Conhecem o Bastos Monteiro?

É o inspector de Seguros de Vida da Companhia de Seguros "COMÉRCIO E INDÚSTRIA,"

Largo dos Lois, 92 — PORTO



Um pequeno senão

(Diálogo moderno por meninos modernos)

A' hora do chi, na confeitaria do Bolhão, encontram-se à mesma mesa, João Manuel e Manuel João, dois jovens da moda.

JOÃO MANUEL, sentando-se, ao outro que o esperava já: Desculpa este pequeno atraso, mas um maldito massador não me deixou chegar mais cedo.

MANUEL JOÃO — Algum pedido, aposto.

JOÃO MANUEL — Nem isso, ao menos! Uma ninharia! Calcula que o meu alfaiate julga que eu não tenho mais que fazer que pagar-lhe a conta, uma mísera conta de 2.500\$00, e é raro o dia em que me não aparece à porta do estabelecimento o seu cobrador, um tipo a quem tenho de acabar por... (dando-se uns ares valentes) partir a cara.

MANUEL JOÃO (rindo-se) — Deixa lá! O cobrador não tem culpa. O patrão, sim! Esse e todos os da sua laia, é que merecem uma boa tosa! Mas, diz-me! Constataram-me, pelas Menses, uns certos zuns-zuns a respeito dum futuro casamento...

JOÃO MANUEL (enfatuado) — Sim! Talvez! Devo casar-me dentro em breve. (Animado) Ah! Faço um casamento de truz! Ela é jovem, é bonita, é rica...

MANUEL JOÃO — Jovem, bonita, rica, e... e escolheu-te a ti, um pindérico?

JOÃO MANUEL — Pindérico, não! Tenho o meu nome, sou aparentado com a Bironesa de Regalados... (Voltando a entusiasmar-se) Ah! Se tu a visse! É um amor! Um anjo! Um po: tent!

MANUEL JOÃO — Mas, homem, essa resolução, assim tão rápida... Uma rapariga tão prendada... Não! Alá há coisa! Ela deve ter algum defeito!

JOÃO MANUEL, caindo da sua exaltação — Olha! Defeito, defeito, aquilo a que se chama defeito, não, isso não tem... O que ela está, é... (bebendo um grande gole de chá)... um quasi nada grávida!

Dr. KNOX.

Perfis de côr

(FEITOS DE MEMÓRIA)



O jornalista Mário Domingues



Para o mote:

*S. Pedro — vem no jornal —
Vai comprar um capachicho.*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

Já calça da «Portugal»
Do Baptista traz chapéus
Usa fatos como os meus
O S. Pedro vem no jornal.
Tem já fama mundial.
Mas por não ter um pelinho
A-pesar-de estar velhinho
Inda quer parecer rapaz
E como só o cabelo o faz
Vai comprar um capachinho.

LIZÉ.

Saiba o público em geral
Notícia de sensação,
Que é dada em primeira mão.
S. Pedro, vem no jornal.
Fêz esta jura formal:
P'las minhas barbas de linho
Juro que se o Arnaleitinho
A' porta do céu bater,
Não entra sem lhe eu dizer:
— Vai comprar um capachinho!

(Aveiro).

OLEGNA.

Para mim o ideal
E' ler a MARIA RITA
Na sua prosa catita
S. Pedro vem no jornal.
Porteiro Celestial
Veio cá de balãozinho
Foi jantar ao Escondidinho
Apanhou a Camooca
E para encobrir a careca.
Vai comprar um capachinho.

Fernandito AINOLOP.

O S. Pedro é natural
Do Céu, onde faz serviço...
Como êle é meigo, por isso.
S. Pedro vem no jornal.
Mas, o Santinho, afinal,
Desvia-se do caminho
Direito, e anda tolinho,
Atrás da MARIA RITA!...
P'ra melhor fazer a fita,
Vai comprar um capachinho!!...

Alfredo Cunha (RAZA).

Esta notícia é real,
Não é balela nem pêta.
Vi ontem n'uma gazeta:
S. Pedro vem no jornal.
Com grandes barbas, tal qual,
Pintam o bom do velhinho.
E vejam, que inocentinho!
A-pesar-de pouca *teca*,
Como não quer ser careca
Vai comprar um capachinho.

Barão das PEDRAS.

Ontem, como é natural,
Fui pôr nas unhas carmim.
Diz-me a *manicure* assim:
— S. Pedro vem no jornal,
De calva monumental,
E grandes barbas de linho.
— Izabel, que desalinho!
Deixe o santo descansado;
'Stá por si apaixonado...
Vai comprar um capachinho.

Mário ZINHO.

Valha-nos Nossa Senhora das Candeias, que
o estro anda muito por baixo. Se é por causa
do calor que as décimas nos faltam, a gente
pede aos termómetros que marquem os graus
apenas.

Aí vai disto para o próximo número:

*Morreram as velhas tódas,
Já não há quem talhe o ar.*

Ironias em 4 versos

Ao outro te ouvi jurar
Que eras ainda donzela...
Quanta vez tu viste entrar
O Sol p'la minha janela!

Se os teus pais, mulher, soubessem
Aquilo em que tu darias
Fariam quanto pudessem
A ver se tu não nascias.

Vem-lhe a cabeça bonita
Cortada, num taboleiro;
Salomé chora, constricta...
Quem lho dera em corpo inteiro!

Do outro te libertaste
Queres vir p'ra mim. Vamos vêr:
Se o comunismo implantaste
O Staline eu quero ser.

Eganaste-te ao pensar
O meu amor duradouro.
O latão pode enganar
Pouco tempo, a fingir ouro.

Com a Virgem foste ter
Pedir p'ra não dar's à luz
Tem vergonha: ela é mulher
E teve um filho: Jesus!

Ruy de ORTEGA.

A MARIA RITA

e o

Combóio-Mistério

**Para onde vai o combóio que no
dia 9 sai de S. Bento? Qual é o
percurso do passeio?**

Os leitores do nosso semanário são
simplesmente pessoas cultas e inte-
ligentes, são também espíritos esclareci-
dos e futuristas que teem o dom de adi-
vinhar, predizendo com notável acêrto,
os acontecimentos que em épocas futu-
ras virão a suceder.

Contando com a ante-visão dos seus
leitores, a MARIA RITA, pergunta:

**Qual o percurso do passeio que
no dia 9 realiza a C. P.?**

As pessoas que acertarem, indicando
o percurso completo, combóio, auto-
-car, etc., terão direito a uma *assina-
tura de borla durante seis meses*, da
nossa MARIA RITA.

Rapaziada, toca a encher o boletim
e a enviá-lo para a nossa redacção até
ao dia 7 de Julho.

**O intenerário completo do passeio
promovido pela C. P. no dia 9 de
Julho, no "comboio-mistério,, que sai
de S. Bento, é o seguinte:**

.....
.....
.....
(a)
Rua

ÊLE



Ela — *Dizem que êle vai endireitar
isto...*
Ele — *Se calhar, já não endireita.*

Quem é?

Na laracha é muito forte
 Este erudito senhor.
 Teve de S. Pedro a sorte,
 E' tripeiro de valor.

E' chaveiro da facécia
 Que anima a MARIA RITA;
 Essa virtuosa sécia,
 Essa dama tão bonita.

Usa um penteado igual
 A S. Pedro, o bom barbudo,
 E dito isto, afinal,
 Parece estar dito tudo.

Mas p'ra um talento mais falho,
 Eis melhor explicação:
 —Ele agarrado ao Carvalho
 Deu cabo do «Portorão»!

(Aveiro)

OLEGNA.

Anexim

Joaquim e Manuel
 Foram ambos para a reinação
 De borracha e de farnel
 E de casacos na mão.

O Joaquim que era amador
 D'uma pingueta d'estalo
 Atribuía ao calor
 Os beijinhos no gargalo.

O Manuel que era limpinho
 E tinha nojo de tudo
 Gostava de beber vinho
 Mas enojava o canudo.

Por isso o outro verbera
 Bebendo pela cabaça:
 Quem espera desespera
?

Decifrações do último número: — *Quem é?*
 Cunha da Raza. *Anexim*: De hora a hora Deus
 melhora.

Decifradores: — Olegna, Rei dos Borlistas,
 Dinesta, Quincaixa, Quimpisca.

Triste pio...

Eu bem sei meu amor que tu não gostas
 De passar o domingo aborrecida,
 Depois de uma semana tam comprida,
 A pesar-te, inclemente, sôbre as costas;

Que em chegando êste dia, tu arrostas
 C'o maior sacrificio desta vida,
 Se não vais fazer sala ou avenida,
 Com familias amigas ou supostas.

Mas, se a chuva vier, como eu receio,
 Transformar-te em inverno o lêdo estio
 E roubar do domingo o teu passeio

Predilecto, eu não sei, mas desconfio
 Que, no auge aflitivo dêste aneio,
 Hás-de dar minha linda... o triste pio.

ALBANUS.

O Sr. Ridículo e a Sr.^a D. Vergonha

Numa rua quási deserta, num recanto escondido, havia uma casinha humilde, mas muita branca e aceada, envolta em rosas de tocar e beijada por laranjeiras em flor. Era lá que morava a Sr.^a D. Vergonha, criatura de poucas falas, muito metida consigo, incapaz de acções deshonestas, de palavras soezes ou de gestos descompostos.

Num *chalet* pegado, vivia o Sr. Bom Senso, ponderado e grave, cauteloso e cortês, pessoa que tôda a vizinhança consultava e a única com quem D. Vergonha convivia.

Davam-se muito bem, o Sr. Bom Senso e a Sr.^a D. Vergonha.

Ora um belo dia—há que tempos isto vai!—o Sr. Bom Senso desapareceu, abandonando a sua vivenda modesta e deixando a D. Vergonha sem ter com quem palestrar.

Puseram-se escritos na casa que o Sr. Bom Senso habitou.

*

* *

Numa manhã de sol, com as comadres catando-se às portas e os gatos a reboarem-se no lagedo da rua, aconteceu passar por aqueles sítios o Sr. Ridículo, um homem de bigodes retorcidos, cabelo gomoso, petulante e atrevido, cheio de prosápia e vazio de miolo.

O Sr. Ridículo viu que estava para alugar o prédio onde viveu o Bom Senso. Foi vê-lo e gostou. Passados dez dias já lá estava instalado.

E a D. Vergonha principiou a morar muito perto do Ridículo.

*

* *

D. Vergonha, ingénua e assustadiça, espiava por entre as cortinas a casa do Sr. Ridículo. E, tôdas as vezes que tal fazia, era certo vê-lo à janela, a retorcer o bigode e com o ôlho envidraçado sempre fito nas rosas de tocar e nas flores das laranjeiras da Sr.^a D. Vergonha.

Um dia o Sr. Ridículo declarou-se. D. Vergonha còrou e foi pedir conselho ao Sr. Pudor e à D. Honestidade.

Estes foram de parecer que devia aceitar o amor de Ridículo, porque os tempos de agora eram muitos diversos dos de outrora. D. Honestidade lembrou-lhe que já tínhamos a lei do divórcio, e o Sr. Pudor, com as faces vermelhudas e o olhar espetado na biqueira

das botas, foi contando à D. Vergonha muitos casos de adultério...

O Ridículo e a D. Vergonha casaram. Foram padrinhos da noiva a D. Honestidade e o Sr. Pudor, e do noivo a D. Vaidade e a D. Inconsciência.

A' saída dizia o noivo aos amigos: — «Foi a primeira vez que me senti ridículo!»

E a noiva desabafava, entre a Honestidade e o Pudor: — «Nunca tive tanta vergonha na minha vida!»

*

* *

O casal vivia no inferno. Zangas, insultos, e, de vez em quando, a sua bofetada à mistura. Requereram divórcio.

— «Porque tinham então casado, — perguntou-lhes o juiz, tentando conciliá-los, — se já sabiam que se vinham a dar mal?»

— «Eu casei, — respondeu o Ridículo, — porque todos me aconselhavam a que tivesse vergonha. Quis tê-la em casa, afinal...»

— «E eu, — choramingava D. Vergonha, — julguei encontrar no Ridículo o homem que me convinha. Quando confessava a alguém que tinha vergonha, fôsse do que fôsse, diziam-me logo: — Vergonha? Já se não usa! Isso é ridículo! E vai eu...»

Foi decretado o divórcio.

*

* *

Epílogo: o Ridículo continua por aí, ufano, ôco e petulante; a Vergonha quási que não aparece e consta que uma vez por outra ainda se encontra com o Ridículo; a D. Honestidade, essa, — coitada! — cumpre na cadeia a pena a que foi condenada por quebra fraudulenta, e enquanto ao Sr. Pudor, depois de perdido o zarcão das faces, foi morrer no hospital, minado pela avariose.

Ah! já esquecia dizer que do casamento da D. Vergonha com o Ridículo, nasceu uma petiza atrevida e mal encaraçada, um cinco reis de gente, tão miúda, tão raquitica, tão enfezadinha que tôda a gente lhe chama a pouca-vergonha!

Quer-nos parecer que, embora enfezada e donte, há-de durar enquanto o mundo fôr mundo.

LEIDOAR.

Como se faz um semanário humorístico

MARIA RITA sente-se envergonhada. — Caçia, a linda região do Vouga, : : : : dá lições de gramática a Portugal inteiro : : : :

A MARIA RITA, como devem saber, é um órgão defensor dos interesses regionais. No seu último número focou aquela célebre questão do *Perosiño* que tanto deu que falar de aquém e de além-mar e os telegramas e cartas que recebeu, demonstram sobejamente como foi bem aceite a campanha patriótica.

Também anteriormente se tinha referido com palavras elogiosas ao conspicuo correspondente de *Aves*, que no *Primeiro de Janeiro* dizia coisas lindíssimas a respeito dos sinos.

Cabe hoje a vez a *Quintã do Loureiro*, uma bellissima terra pertencente a *Cacia* e entalada ali em plena região do Vouga, a poucos passos de Aveiro. Esta terra, como todas de resto, tem muitos defeitos, mas tem acima de todas uma qualidade fantástica. É a de possuir um jornal semanal que deixa a MARIA RITA de boca aberta perante o seu humorismo demonstrado.

A Campanha do Analfabetismo

O *Diário de Notícias* que tem dado metade do seu esforço em prol desta benemérita campanha, cometeu o crime horrível de não ter pedido, até hoje uma escola para *Cacia*; com o que se vai ler abaixo, fica absolutamente demonstrado que esta terra nunca teve um professor de instrução primária pelo menos. De contrário era impossível que existisse lá um jornal da natureza de os «*Ecos de Cacia*», semanário independente de tudo, — até da gramática! — que se publica lá — O' céus! — Todos os sábados que Deus Nosso Senhor deita ao mundo!

Como se faz um semanário

Vamos em seguida transcrever algumas coisas do seu número 97, correspondente a 18 de Junho findo. Começaremos pelo seu artigo de fundo. Intitula-se: *o Bem e o Mal* e, tem passagens como esta:

E' que cada ser humano tem em si um espirito, e tambem uma parcela do Bem e outra do Mal sempre á desposição da sua escolha em todas as emergencias da vida.

E assim graças a esse espirito que é arbitro do seu Destino, ele se torna responsável pelas obras que praticar durante a sua permanencia que estiver sobre a terra. Não haja disto a menor duvida.

Nós não duvidamos nem uma vírgula. Mas o leitor pode duvidar; e para evitar isso, garantimos, de baixo de palavra de honra, que o que aqui fica é absolutamente verdadeiro, estando um exemplar do dito jornal na nossa redacção á disposição de quem queira consultá-lo.

O' vates ponde aqui os vossos olhos!

Passemos agora á parte poética do jornal. Numa poesia, a que o sr. C. Leite e Silva, deu o título de *Madrugada* talvez por ter sido feito de manhã, lê-se a seguinte parrelha:

Da tua luz sublime e perfumado effluvio entorna no meu peito assim como um diluvio.

Isto é que é uma parrelha de respeito!

Estamos daqui a ver o cântaro da *madrugada* a entornar no peito do sr. Leite os effluvios perfumados.

Mas há mais: um outro que dá pelo nome de *António Lusitano* escreveu isto á sua *Mercelinda* em letra rodonda:

*..... e o coração vacila já sem calma!
mas para quê tão vis tentações de alma
se o que de ti ancoei tu me negas?!*...

O' Egas! anda cá abaixo e pede á Dona *Mercelinda* que dê ao poeta o que lhe tem negado até agora, senão ele viverá:

n'um tedio que jamais o alma pincel da ficção ou da pedra o alvo cinzel,

conseguirá levá-lo á campa fria. E nunca um descanso eterno foi tão bem merecido a alguém!

Repórteres! olhai p'ra misto

Entramos agora no capítulo das reportagens do «*Ecos de Cacia*». Aqui é impossível deixar de transcrever na integra; quer dizer: com os erros todos:

Um incendio que destroi uma casa

Cal que arde e encendeia a casa.

O proprietario sr. João Dias de Matos, do lugar da Gonde, desta freguezia, tendo comprado 500 kilogramas de cal em pedra no dia 7 do corrente, para reformas que andava fazendo em sua casa; porem quando a meio da tarde do dia 8 chegou a casa com a dita cal da Estação desta freguezia, tratou de a queimar debaixo de um coberto, que no primeiro andar, tinha o seu seleiro de milho, feijão, e varios moveis, e um lugar reservado com uma cama onde dormiam dois filhos um de 12 anos o mais velho, e o mais novo dos seus 9 anos.

Como tivesse queimado a casa ainda com dia, logo que eram horas de tratar do seu gado, cujas portas dos curraes lhe ficava debaixo da referida casa.

Onde tinha uns bois, e uma vaca de leite, tratou dos animais como é de costume e logo que tudo estava pronto foi ceiar, e sem nada ter observado na referida cal que momentos antes tinha queimado.

Depois de ceiar, foi descançar para seu leito, e os filhos igualmente seguiram para a referida cama do primeiro andar, que ficava ao lado da casa que contem varias devizesões.

A's trez horas o sr. João Dias de Matos foi subsaltado, acordado por gritos ó fogo, ó fogo, sem que ele de nada desconfiasse, e mal dizendo que a sua casa ardia em chama, e os seus bois já tinham rebentado as amarras que os prendia assim, como arrombada foi a porta do mesmo por alguns populares que se encarregaram de retirar da casa incendiada os animais, alguns metros de distância. Já com os cabelos já queimados em varias partes, mas foi assim que os pobres animais se salvaram de ser victimas de tal deazastre.

O sr. João Dias de Matos logo que viu parte da sua casa em chama, tratou logo da salvacão dos dois filhinhos que já estavam cercados pelo fogo de forma, que foram arrastados para fora do leito, por meio de um ingaço que se serviu a seu Pai, para não ver morrer os seus filhos queimados no meio das chamas.

Aos gritos de que partiram de todos os lados assistiram algumas centenas de pessoas que muito se esforçaram para cortar o fogo e evitando assim que as chamas pegassem contiguas nas outras casas.

A parte que se encontrava em chama, apenas ficaram as paredes, do referido prédio.

Não temos morte alguma a registar por que tudo se esforçou na salvacão de tudo quando estava no seu alcance, salvou dessa fatalidade.

Os prejuizos são avultados, não só no prédio, como no seu recheio que continha dentro.

Isto só por si bastaria para demonstrar que o *Ecos de Cacia* é um formidável jornal humorístico. Mas há mais. Por exemplo; nas

Notícias da Sociedade

diz assim tal e qual:

O «*Ecos de Cacia*» associa-se ao *rigosijo* que n'este momento existe nas duas respeitabilissimas familias *Ferreira* e *Figueiredo* desajando aos noivos um futuro muito prospero pela vida adiante.

Falando duma festa ao Nosso Padroeiro, o senhor S. Pedro, descreve desta arte:

O largo de S. Pedro em *Taboeira* será engalanado com muita iluminação bem assim o sobreiro secular (se colar, colou). Nos in-

tervalos, queimar-se-ha muito fogo iluminado de dois pirotécnicos.

Depois ab:ixo:

Subirá ao pulpito o R.^{do} padre Roberto onde pregará o sermão, em sairá da vestuda, emgalanada caplinha uma magestosa proscião.

Mais uma vez declaramos que o jornal está aqui e que não mudamos uma vírgula.

Notícias de Desastres

Desastre

No dia 6 do corrente quando se dirigiu montado em bicicleta, ao passar em frente á estação postal d'aqui, o sr. Francisco Nunes de Pinho, este caiu e ficou muito ferido, sendo conduzido á farmacia local ali lhe estancaram apenas o sangue que era com abundancia por um dos ferimentos.

Pouco depões foi conduzido para Aveiro, onde foi convenientemente pensado por um dos medicos daquela cidade.

Para quê comentários? Isto é assim mesmo! Vem depois a

Necrologia

Faleceu em Vilarinho no dia 3 do corrente pelas 5 horas da manhã, o sr. José da Silva Amaro com 84 anos.

No prestito, incorprou-se um sacerdote de quem o morto era devoto.

Conduzio a chave do caixão, o sr. João Rodrigues da Bela.

Ficou sepultado em sepultura de familia n.º 5.

Tratou d'este funeral a Agencia Funerária de António Marques da Cunha, que pelos bons serviços e economia em pressas, é sempre o preferido.

Também o *Ecos de Cacia* tem o seu *Car-net Mondain* onde se lêem notícias como esta:

Também com destino ao Pôrto passou na Estação de Aveiro, o sr. Francisco da Silva Forte, respeitabelicimo comerciante de Lisboa.

Esta é forte! Numa semana, passam na Estação de Aveiro milhares e milhares de criaturas que felizmente não sabem da existência do *Ecos de Cacia*.

E por último, vamos á Secção de

Anúncios

Vaca turina

Apareceu na Vila de Eixo depois do dia 3, uma vaca turina, sem que até á data ninguem se tenha queixado.

Porem, faz-se publico que a mesma ali se encontra com a devida estima, e se entrega mediante o seu tratamento a quem provar pertencer-lhe.

Para informações, falar com o nosso representante naquella Vila sr. Silverio Marques da Silva.

Como vêem o representante do jornal tem um officio: guarda-vacas.

Mas o que parece é que tudo o que aí fica e o muito mais que não inserimos por falta de espaço é só de um número do «*Ecos de Cacia*»!...

E depois desta bambochata toda que é que faz o seu editor e redactor principal?

Vão sabê-lo, meus senhores, pela notícia abaixo:

Com a excursão realizada pela Caixa Escolar, Fernando Caldeira, parte para Curunha (Espanha) o nosso Editor Antonio da Costa Pinto o qual erá em missão realizar uma reportagem sobre o Minho e terras Espanholas para este jornal. Ao nosso amigo desejamos boa viagem e estimamos que seja feliz na sua reportagem.

Pôsto isto, só nos resta esperar impacientemente que venha a lume a célebre reportagem do não menos célebre jornalista de *Cacia*, e gritar com toda a força:

O' *Diário de Notícias!* Pede já uma escola para *Cacia*, ou nós transferimos para lá a nossa MARIA RITA!

PEÇAS

Octavio
Freitas



AS TRÊS RAZÕES

Peça à maneira de Aristóteles, com unidade de tempo, de lugar e de acção

Passada no mesmo dia, que pode ser qualquer, e no mesmo sítio, que é o quarto de uma rapariga.

PERSONAGENS

MARIA ADELAIDE, 20 anos.
CHICO MILITÃO, 25 anos.
JOSÉ CASTANHEIRA, 40 anos.
POLICARPO AMIL, 70 anos.

PRIMEIRO ACTO

MARIA E CHICO

CHICO

Amas-me muito, Maria?

MARIA

Muito, meu idolatrado!

CHICO

Afirmaram-me outro dia
Que me trazes enganado.

MARIA

Mentira!

CHICO, *enérgico*

Não é.

MARIA

Com quem?

CHICO

Com o José Castanheira,
Um que tem um armazém
De vinhos na Corvaceira.

(Levanta-se, trágico)

E' certo?

MARIA

Pois bem. E' certo.

CHICO, *arrepelando a trunça:*

Infame! Galinha! Pêga!
Pagas ao sexo o tributo.
Qual a mulher que a não prega
Ao amante mais astuto?
Sinto o peito numa brasa!
Tamanho ardor nunca vi!

(Procura nos bolsos)

'Squeceu-me a navalha em casa;
Se não, matava-te aqui!

(Esbarra com uma mesa. Tomba-lhe um solitário em cima de um calo que tem dois companheiros. Faz um gesto de dor e torna a sentar-se.)

Que é que nesse homem te tenta?
Anda quási nos quarenta.
Já não é nenhum rapaz,
E tem a pele sardenta...

MARIA

Mas dá-me o que tu não dás!

SEGUNDO ACTO

MARIA E CASTANHEIRA

CASTANHEIRA

Amas-me muito, Maria?

MARIA

Muito, meu idolatrado!

CASTANHEIRA

Afirmaram-me outro dia
Que me trazes enganado.

MARIA

Eu, enganar-te! Com quem?

CASTANHEIRA

Com o Policarpo Amil,
Um brasileiro que tem
Muitos prédios no Brasil.
E' certo?

MARIA

Já que o soubeste,
P'ra que to hei de negar?

CASTANHEIRA, *furtoso:*

Descarada! Amar um velho
A quem falta um calcanhar;
Que passa a vida a gemer,
A arrotar, cheio de gases,
E mal se pode mexer!

MARIA

Mas faz-me o que tu não fazes!

TERCEIRO ACTO

MARIA E POLICARPO

POLICARPO

Amas-me muito, Maria?

MARIA

Muito, meu idolatrado!

POLICARPO

Afirmaram-me outrodia
Que me trazes enganado.

MARIA

Eu, enganar-te! Com quem?

POLICARPO

Com o Chico Militão,
Um tal que foi tecelão
Na fábrica, em Pevidem.
Um pelintra... E' certo?

MARIA

E' certo.

POLICARPO, *congestionado:*

Uma infame, é o que tu és!
Mentem teus lábios vermelhos!
Fazer de mim uma rês,
De mim, que te lavo os pés
E te beijo nos joelhos!

(Desorientado, vai a atirar um pontapé à rapariga, e foge-lhe o único calcanhar que ainda tinha, o qual bate em cheio no ventre de Maria Adelaide e a prostra moribunda, Policarpo, no auge do exaspêro, curva-se sobre ela.)

Que é que encontraste no Chico
P'ra me lançares aos caís?
Sou inteligente, rico,
E êle é um *peneira*, um gerico...

MARIA, *agontzante:*

Mas tem o que tu não tens!

TURIDDU.

CARTAZ DE HOJE

Teatro Rivoli: A opereta em 3 actos,
História do Fado.

S. João: O «filme» de enorme êxito,
Fantomas.

Águia d'Ouro: A super-produção,
Anjos do Inferno.

Trindade: O «filme» do grande sucesso,
De Corpo e Alma.

Olimpia: O «filme» sonoro, *Parada do Amor.*

Batalha: A magnífica produção, *A Loucura dum beijo.*



Nome Pontos

Morada

(Cortar por aqui)



O concorrente não tem mais do que colar os pontos negros, que vão por baixo da gravura, sobre a cara dos bonecos em que deseja acertar, e remeter assim a gravura para a nossa redacção, na rua do Almada, 107-2.º (Pôrto).

A barraca tem de ficar em nosso poder até quarta-feira à tarde. É necessário, também, pôr o nome (ou pseudónimo) e a respectiva morada.

Ver condições e prémios na nossa 2.ª página

SÔBRE O CONCURSO

No próximo número publicaremos esta mesma gravura sem os seis bonecos que devem cair nesta semana, de acôrdo com os envelopes correspondentes à 1.ª SEMANA, que estão afixados nas montras da Agência de Publicações, à Praça da Liberdade, do Pôrto, e em Coímbra, na casa dos Srs. Manuel Bernardo Ferreira & Irmão.

Por ela poderão ver os nossos concorrentes do Pôrto e da Província se estão certos os pontos que lhes vamos conferir e cuja lista também no mesmo número será publicada.